FLASH LITERÁRIO

Conversando com a Vida

CENYRA PINTO

petit

APRESENTAÇÃO

Cenyra Pinto, escritora espírita de grande destaque, é a autora de *Conversando com a vida*, lançamento da Petit Editora. Coletânea de depoimentos e mensagens de pessoas de várias crenças e idades que venceram grandes atribulações, *Conversando com a vida* é um manifesto em favor da fé e da esperança que – mesmo diante das maiores aflições – não devem se apagar em nosso coração. Fé, esperança e caridade não perguntam qual é nossa crença religiosa aos nos conduzir na direção da felicidade.

"A vida está em você, logo conversar com a vida é conversar com você mesmo. Se nunca conversou com você mesmo, certamente não se conhece e faz de si próprio um juízo arbitrário, ora se autocondenando, ora se aplaudindo, mas sem saber, na realidade, se está merecendo o aplauso ou a censura. Tudo isso porque se vê na superfície, não penetrou, ainda, no seu mundo interior, desconhecendo, assim, seu verdadeiro ser", afirma Cenyra. "Se às vezes não está em nós cortar o mal pela raiz, de nós depende muito aparar as deformidades e lançar fora a carga que nos pesa sobre os ombros e dificulta a jornada", completa Cenyra, ao antecipar os ensinamentos que nos aguardam neste livro.

(...) O caso que vamos narrar é bastante significativo e tem mesmo o valor de uma lição.
Mostra como certas almas sensíveis que pouco receberam em amor e compreensão, ao contrário, tendo mesmo sofrido momentos de crueldade física e emocional, podem chegar a extremo desequilíbrio, capaz de as levar aos caminhos da loucura, do suicídio e do crime.
Trata-se de um caso que se passou num lar destituído de certos princípios de educação e sentimento de religiosidade.

Nasci e me criei na roça. Meu pai era um homem atrasado e violento. Achava que mulher não precisava saber ler. Com muita dificuldade obtive consentimento para estudar numa escola distante do nosso sítio, a qual passei a freqüentar três vezes por semana, fazendo o percurso a cavalo. Como ajudava minha mãe nas tarefas de casa, e ainda fazia serviços leves na lavoura, só podia estudar à noite, e para esse fim usava uma lamparina de iluminar o quarto. Além de lavrador, meu pai tinha um pequeno armazém. Não era, portanto, tão pobre, mas só nos deixava usar para nossa alimentação os gêneros de segunda classe.

Certa noite, julgando que ele já estivesse dormindo, fiquei estudando até mais tarde. De repente, com muita fúria, ele entrou no quarto e me deu um safanão tão grande que caí do banquinho e a lamparina virou, o querosene entornou, formando-se logo uma pequena labareda que ele pisou e apagou rapidamente.

Fiquei aterrorizada com o susto. Ele, então, muito encolerizado, proibiu-me de estudar à noite. O fato me abalou profundamente e, como resultado do choque, fiquei com gagueira e assim permaneci até a adolescência.

Compadecido com a situação, um colono nosso dava-me, às ocultas, velas para que eu pudesse continuar estudando. A partir de então, eu esperava meu pai dormir para poder estudar. Cursei até o terceiro ano primário. Foi esse o meu primeiro trauma.

Fiquei mocinha, mas, apesar da idade, não podia escolher minhas amizades. Tinha de aceitar as que me eram impostas por meu pai. Nesse ambiente de apreensão, conheci um rapaz de quem vim a gostar muito, mas tudo inútil, mil defeitos foram apontados na pessoa do jovem que eu escolhera.

Reprimida em tudo, tomei para criar uma menina de três anos, filha de um colono muito pobre.

Aos 17 anos, casei-me com um primo, escolhido por meu pai. Levei comigo a menina.

Cinco meses após meu casamento, descobri que meu marido tinha uma amante, que era colona do meu avô. Ao completar um ano e três meses de casada, fui com meu marido e meu filhinho a um jogo de futebol. A amante dele estava também assistindo ao jogo e, por meio de pessoa conhecida, manifestou o desejo de ver o nosso filho. Eu mesma fui levá-lo e, defrontando-me com ela, supliquei-lhe em nome da criança que abandonasse meu marido para que eu pudesse viver em paz com ele. Ela foi compreensiva e realmente o abandonou.

Com um ano e meio de casada, abrimos um armazém financiado por meu pai, que tardiamente compreendera seu erro, de casar-me com uma criatura sem moral.

Certa vez, um homem totalmente embriagado entrou em nosso armazém e se despiu ali, na minha presença. Meu marido, de repente, transformou-se num animal selvagem. Espancou-o com tal violência que não sei como não o matou. A cena me abalou. Fiquei estatelada com a brutalidade de meu marido, mais do que pelo ato da pobre criatura, que só cometera tal desatino por estar embriagada.

Horas mais tarde, o patrão desse homem bêbado veio tirar satisfações com meu marido, que se escondeu, e à noite fugiu para a casa de um tio dele, deixando-me com meu filho pequeno e a menina, e já grávida de oito meses. E não voltou.

Sozinha com as crianças e em período adiantado de gestação, não pude arcar com a responsabilidade da casa e do armazém. Vendi o negócio e fui procurar meu marido, que reassumiu seu lugar de chefe de família. Com o dinheiro da venda, adquirimos outro armazém.

Na verdade, ele nunca se interessou por mim nem por nossos filhos. Recusava-se a nos dar até o essencial. Quando um filho adoecia e precisava de remédios, ele proferia impropérios para pagar as contas da farmácia.

Por duas vezes nossos filhos sofreram acidente e foram levados para o hospital. Meu marido estava fora. Quando regressou, apenas uma vez apareceu no hospital, no dia seguinte, e com a maior indiferença.

Cansada de tanta humilhação, pedi a um amigo que me conseguisse um emprego. Meus filhos estavam crescidos, e eu conseguiria pessoa de confiança para ficar com eles. Fui trabalhar na prefeitura. Assim poderia viver mais decentemente, vestir meus filhos e a menina que eu criava.

Quando a menina se tornou adolescente e começou a querer namorar, meu marido não lhe permitia aproximar-se de rapazes. Pensei que por zelo assim procedesse, e até ficava agradecida.

Ele era ignorante e avarento como meu pai. E também como meu pai, só permitia que usássemos gêneros da pior qualidade, embora houvesse no armazém

gêneros de primeira. Isto me deprimia muito. Eu, além de trabalhar na prefeitura, empregava as horas de folga ajudando no balcão.

Mais tarde, vendemos o negócio e fomos para Raiz da Serra, onde o reabrimos e, de sociedade com meu irmão, compramos um caminhão.

Esse meu irmão tinha uma amante. Certo dia, apresentou a irmã de sua amante a meu marido. Eles, sentindo-se atraídos um pelo outro, tiveram uma aventura.

Para o lar era um mesquinho, mas para ela, sua nova amante, abriu logo crédito em nosso armazém, de onde ela sempre levava o que havia de melhor. Eu, diariamente, à noite, contava a féria e nunca via o dinheiro das compras que ela fazia. No entanto, no caderno, a conta dela aparecia sempre paga.

Nessa ocasião, meu marido adquiriu a parte de meu irmão na compra do caminhão e comprou o carro do ano, contraindo uma dívida enorme. Queria impressionar bem a amante.

Um dia, encontrei um colar nos guardados dele. Perguntei-lhe de quem era. Aborreceu-se e tentou dar-me um soco. Se eu não recuasse teria sido atingida. Chorei muito, mas não me revoltei. De que adiantaria?

Passei a viver mais em função de meus filhos. Com as minhas possibilidades e com o que estava ao meu

alcance, procurei educar a menina que eu criava. Para que se instruísse, paguei-lhe escola e aula de corte e costura. Quando completou 15 anos, dei-lhe uma bicicleta, não imaginando que serviria, mais tarde, para encontrar-se clandestinamente com meu marido, que desempenhava o papel de seu pai.

Certa tarde, uma vizinha me procurou, perguntando-me se a menina estava doente, pois a tinha visto vomitando no quintal. Despertou-me uma suspeita. Era época de Natal e Ano Novo. O serviço no armazém aumentara muito, e assim, ocupada em ajudar no balcão, dispersei minha atenção. Passada essa época, voltei a observar o comportamento dela, cuja gravidez já era notada. Namorado ela não tinha, pois meu marido não consentia.

Nessa ocasião, eu estava grávida de meu terceiro filho, já com oito meses de gestação.

Comecei a passar noites em claro, vigiando a menina, sem ter coragem de falar com os dois. Na terceira noite, dei o flagrante. Meu marido, covarde como sempre, pulou a janela. Fiquei parada, estarrecida. Depois, perdi o controle, comecei a chorar e a gritar por socorro. Entrei em total crise de nervos. Acordei num hospital, levada pelos vizinhos. Tive a criança, que nasceu prematura e sem vida. Fiquei em estado de coma. Ao voltar a mim, não sentia mais vontade de viver. Estava morta por dentro.

Tive alta, dias depois, e fui levada para casa, onde encontrei meus sogros tomando conta das crianças e do armazém. Meu marido fugira com a nossa filha adotiva, deixando-me dívidas enormes. Tudo o que eu ouvia dizer era que precisava reagir para poder pagar as dívidas. Os credores começaram a me apertar, exigindo pagamento. Meus sogros voltaram para sua casa na roça.

Sem forças, insegura, achei melhor vender o armazém e pagar as dívidas. Devolvi o carro do ano que ele comprara.

Sem nenhum recurso, derrotada, fui para casa de minha mãe, que estava viúva nessa ocasião, e com mais possibilidade de me amparar. Ela procurou me animar, levando-me a festinhas familiares; ainda assim eu continuava quase tão apática quanto antes.

Passaram-se dez meses. Quando já estava começando a levantar a cabeça, minha mãe faleceu de um colapso. Aí, afundei. A vida já não significava nada para mim. Não tinha mais controle. Chorava sem parar. Meu desespero era grande. Entrei em total estado de apatia. Levantava da cama e, assim mesmo, de camisola, ia buscar o pão na padaria. Era cercada, então por vizinhos, que me traziam de volta para casa. Não aceitava conselhos de ninguém para tratamento médico. Só tomava chás caseiros e alguns comprimidos. Desinteressei-me de

tudo. Recusava-me a tomar banho e só o fazia pela metade, e quando insistiam muito. Vestia uma roupa em cima da outra. Tive que extrair os dentes, e não permiti que me colocassem dentadura. Fiquei desdentada durante seis anos.

Apesar da memória fraca, ouvia as pessoas dizerem como se falassem à distância: "Coitada, ela era tão caprichosa, tão asseada. É uma pena".

Dois anos depois, uma dessas pessoas que me queria bem, a muito custo, levou-me a um hospital psiquiátrico. Comecei, então, a tratar-me.

O médico era boníssimo, mas me parecia que os remédios pioravam a minha cabeça, e eu continuava com vontade de pôr fim à vida e levar comigo meus filhos.

Essa idéia me perseguia, até que um dia reuni meus filhos, tendo antes comprado guaraná e veneno. Perguntei a eles se por acaso eu morresse, com que parentes desejavam ficar.

(...)

SEU EXEMPLAR O ESTÁ AGUARDANDO
NA LIVRARIA MAIS PRÓXIMA
OU NO SITE WWW.PETIT.COM.BR

SOBRE A AUTORA

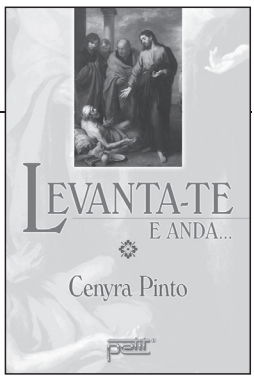


Cenyra Pinto nasceu no dia 25 de novembro de 1903 na cidade de São Fidélis (RJ). Aos dezesseis anos de idade, enfrentou a partida da mãe para a pátria espiritual, e o novo casamento do pai. Aos vinte anos escrevia crônicas para jornais e revistas. A crise dos anos 1930 obrigou-a a mudar-se com o filho único e o marido para o Rio de Janeiro, a então capital federal, em busca de trabalho. Diante das inúmeras dificuldades que enfrentou, suas forças se esgotaram e adoeceu. Depois de consultar vários especialistas, foi levada a um centro espírita. Foi lá que encontrou sua recuperação e descobriu que era médium. Além da literatura e do teatro, dedicou-se à música: *Quanta luz*, entre outras composições de sua autoria, tornou-se um verdadeiro hino da casa espírita. Desencarnou no Rio de Janeiro, no dia 16 de setembro de 1996.

CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS

- Formato: 14x21cm
- Miolo: 288 páginas

OUTRO LIVRO DA MESMA AUTORA



"Lázaro, levanta-te e anda" – com estas palavras, Jesus dirigiu-se a Lázaro, considerado perdido para a vida dos homens. Envolvido na roupagem daqueles que partiam deste mundo, Lázaro obedeceu ao Mestre: despertou e levantou-se. Inspirada por essa passagem do *Evangelho*, a consagrada escritora Cenyra Pinto escreveu um livro sublime: *Levanta-te e anda...* Coletânea de mensagens que elevam a alma, resume páginas da vida para superarmos dificuldades que por vezes derrubam o ânimo e desfalecem nosso desejo de viver. Exemplos de esclarecimento e consolo que emocionam e fazem reviver o entusiasmo, servem para reforçar nossa disposição para avançar, a passos largos, na direção da felicidade.

Seja qual for a dificuldade que estejamos enfrentando, se, em nosso coração, a fé falar mais alto do que o desânimo ou a revolta, estaremos a um passo da superação dos males que nos afligem – sejam eles quais forem! A prova disso está neste livro: **Conversando com a vida** é uma coletânea de depoimentos e mensagens emocionantes que revelam o potencial divino que reside em cada um de nós. Com este livro aprendemos a despertar essa força interior e usá-la a nosso favor e em benefício daqueles a quem amamos. Aprenda a conversar com a vida: ouça o que ela tem a lhe dizer e seja feliz!

www.petit.com.br
petit@petit.com.br

PRÊMIO TOP OF QUALITY 2008 - Ordem dos Parlamentares do Brasil

petit editora

Ler faz bem à alma

Sinônimo de bons livros espíritas